

EL NIÑO O LA NIÑA EN EDAD PREESCOLAR Y LA TELEVISIÓN LA MEDIACIÓN DE LA FAMILIA

Comunicación presentada en el Congreso de Madrid Diciembre-98 por:
Sara de Jesús Gomes Pereira

Quadro teórico de referencia

Tradicionalmente, a família era o principal agente socializador-a criança fazia a aprendizagem de normas e modelos de comportamento no seio da família. Actualmente, embora continue a desempenhar um papel preponderante no processo de socialização, este é complementado por outras instituições. Aos três anos, por vezes antes, a criança inicia uma vida social num ambiente diferente-o jardim de infância (JI). Aqui, a criança interage com outras crianças da mesma idade, desenvolve competências comunicativas, adquire novos conhecimentos e continua a desenvolver-se como "ser individual" e como "ser social". Coincidente com este período de extensão dos contextos de socialização, desenvolve-se também um crescente interesse pela televisão (TV). Tal como a família e o JI, a TV contribui e intervém activamente no processo de socialização da criança, constituindo uma fonte privilegiada de aprendizagens e de contacto com o mundo.

Do mesmo modo que Dorr (1986), consideramos as crianças uma *audiência especial*. Crianças detentoras de competências e de capacidades assinaláveis no plano cognitivo, da sociabilidade, e da comunicação, designadamente, sujeitos que exercem um papel activo na construção e interpretação das mensagens que recebem, mas que não podem prescindir das formas de mediação dos pais, em relação às complexidades do mundo que as rodeia, e especialmente no que diz respeito à televisão.

Se bem que a investigação tenha superado o modelo dos efeitos imediatos dos media, ele continua presente no discurso corrente, inclusive no dos próprios meios de comunicação social. A televisão é frequentemente utilizada como o bode expiatório de uma série de males: destruição do diálogo e da própria vida familiar, indução de comportamentos violentos nas gerações mais novas, impedimento de realização de outras actividades tidas como mais importantes e enriquecedoras, desenvolvimento de atitudes e de comportamentos de passividade, etc.. Ora, se é certo que os media, e em especial a televisão, exercem uma influência nos sujeitos consumidores, também é hoje certo que essa influência não pode ser compreendida fora de um quadro mais amplo e complexo dos contextos de vida e das relações sociais dos sujeitos e dos grupos sociais. Assim, a investigação tem hoje como ponto assente o que a equipa de Schramm tinha formulado já em 1961¹: tão importante como interrogarmos sobre o que a televisão faz às pessoas, é questionarmos sobre o que as pessoas fazem com os media.

A programação televisiva gera constantemente significados, mas nem todos os programas incidem da mesma forma em todas as crianças. As leituras feitas a partir das mensagens televisivas são diferentes consoante as crianças e as condições de recepção televisiva. Aqui intervêm factores como a idade, o meio familiar, as condições psicológicas das crianças, o seu desenvolvimento afectivo e intelectual, a sua vida social, o seu meio escolar e o meio rural ou urbano em que vivem (cf. Chalvon *et al.*, 1991; Mariet, 1989; Lazar, s/d; Chevallier *et al.*, 1991). A possibilidade de comentar ou não o que se vê na televisão com

¹ SCHRAMM, W.; LYLE, J.; PARKER, E. (1965), *Television para los Niños*, Barcelona: Ed. Hispano - Europea (original americano de 1961)

a família, pode também influenciar a forma como as crianças vêem TV e o significado que dão àquilo que vêem. Por este motivo, a capacidade infantil para a compreensão e interpretação da TV, deve ser considerada pelos pais.

Vários autores (Chevallier; Souchon; Lazar; St. Peters; Huston, entre outros) sustentam que o modo como as crianças vêem TV é influenciado pelo meio familiar; os pais podem influenciar a forma como os filhos vêem TV e as aprendizagens que realizam com essa experiência. Citando Chevallier (1991:245), “*o papel dos pais e do ambiente familiar aparece hoje como um dado essencial de todos os novos estudos sobre a relação entre crianças e televisão*”.

Um dos avanços mais importantes dos estudos sobre as audiências - em que podemos destacar autores como James Lull, David Morley, Thomas Lindlof e Roger Silverstone, entre outros - tem sido o crescente reconhecimento da importância de estudar o contexto de recepção, ou seja, estudar o contexto em que decorre habitualmente o respectivo consumo: o contexto familiar².

Ao considerarmos a relação entre a família e a televisão à luz de pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas em países como Inglaterra, EUA, França, e México, somos levados a concluir que a actividade televisiva tem uma relação estreita com a vida familiar e com os distintos modos de organizar a vida quotidiana, constituindo um indicador, um pretexto, e um estímulo para a interacção no seio da família.

Numerosos estudos desenvolvidos em vários países, indicam que a interacção presencial e directa com os ‘adultos significativos’, especialmente com os pais, a discussão, os comentários e a explicação dos conteúdos, ajudam as crianças a interpretar e a compreender as mensagens televisivas recebidas.

O Conceito de Mediação

Compreendemos a mediação a partir de situações de interacção. Em termos gerais, e no quadro específico deste estudo, definimo-la como o processo através do qual os pais e ‘outros significativos’, ajudam as crianças a descodificar e a compreender as complexidades do meio físico e social, para termos capazes de serem compreendidos pelas crianças nos diferentes níveis de desenvolvimento. Portanto, consideramos a mediação como o ‘construir pontes’ entre o que a criança sabe e a nova informação a apreender e a estruturar.

Os processos de mediação facilitam e promovem o conhecimento e a aprendizagem da criança, na medida em que constituem para ela guia, apoio, direcção, estímulo (Rogoff, 1993). Através da mediação, a criança, com a ajuda dos ‘outros significativos’, selecciona, interpreta, critica, reforça, complementa, contradiz, transforma, organiza, estrutura as informações provenientes do meio envolvente (inclusive do meio televisivo), permitindo-lhe assim abordar com mais eficiência os ‘assuntos’ da vida quotidiana.

² Como mostram os estudos sociológicos da família, importa ter presente que esta instituição constitui actualmente uma realidade pluriforme, vivendo mudanças significativas devidas a factores como trabalho profissional fora de casa (do homem e da mulher), tipo e zona de habitação, condições da vida urbana, redução do número de filhos por casal, etc. Por seu lado, a infância-que constitui, juntamente com a família, um quadro de referência para o estudo-muito embora continue a ser encarada como uma categoria homogénea e universal, uma etapa da vida igual para todas as crianças de todo o mundo, é também uma construção social e histórica, como nos mostrou há muito Philippe Ariès. Como tal, deve ser compreendida como um grupo social diferenciado, que reflecte determinadas estruturas e práticas sociais, e que é, simultaneamente, um agente activo da vida social.

Esse processo depende tanto do papel da criança, como dos recursos e apoios das pessoas com quem interage, como do contexto e práticas culturais do meio em que está inserida e a que pertence.

Barbara Rogoff fala da participação guiada que, na nossa opinião, é uma forma de mediação. Define-a como “*um processo em que os papéis desempenhados pela criança e pelas pessoas que cuidam dela estão de tal maneira entrelaçados, que as interações rotineiras entre eles e a forma como habitualmente se organiza a actividade proporcionam às crianças oportunidades de aprendizagem tanto implícitas como explícitas*” (Rogoff,1993:97). Considera que, nas interações quotidianas das crianças com os adultos, existem muitas oportunidades que tornam possível a participação guiada na resolução de problemas e de conflitos. É neste sentido que considera que a criança aprende com a ajuda da «orientação social».

De acordo com a perspectiva da autora, que seguimos, no processo de comunicação quotidiana, as crianças partilham os seus centros de interesse; nesse processo, as trocas que se produzem no curso da interacção, ajudam a criança a interpretar situações e acontecimentos e a descodificar a realidade que se apresenta complexa.

A mediação que o adulto exerce nem sempre se produz de forma intencional; implica atenção e participação activa, mas também pode ocorrer de forma implícita, até mesmo ‘automática’.

É essencial reconhecer que, além das diferenças do papel mediador dos pais nas diferentes culturas, há que ter também em conta as diferenças do papel dos irmãos e de outras crianças, dos avós, etc. nos processos de mediação, e as diferenças decorrentes dos distintos recursos simbólicos e materiais e das diferentes posições no sistema social. A família nuclear, por exemplo, apresenta um ambiente para as crianças muito diferente daquele em que vivem rodeadas de muitos irmãos, de primos, dos avós e de outras pessoas próximas (sejam ou não familiares).

No que diz respeito à televisão, o conceito de mediação tem sido objecto de diferentes conceptualizações:

Desmond *et al.*. (1985:463) consideram a mediação como “*qualquer esforço activo por parte dos pais, e de outros, para traduzir as complexidades do meio físico e social, incluindo o meio televisivo, em termos capazes de serem entendidos pelas crianças nos vários níveis de desenvolvimento cognitivo*”.

Bryce e Leichter (1983:310) entendem por mediação os “*processos através dos quais a família (ou outras instituições) filtra as influências educacionais, protege, interpreta, critica, reforça, complementa, contradiz, reage e transforma*”.

Corder-Bolz (1980) operacionalizou o conceito em termos de mediação verbal explícita (do adulto para as crianças), o que constitui apenas uma forma de mediação que pode ocorrer na família. O autor considera que os pais ou ‘outros significativos’ podem influenciar a aprendizagem que as crianças fazem da televisão, proporcionando-lhes um comentário verbal sobre o conteúdo do programa.

A nossa abordagem ao conceito de mediação estudo segue as orientações de Desmond *et al.* e de Bryce e Leichter. Assim sendo, entendemos por **mediação** os processos através dos quais os pais (e ‘outros significativos’), ajudam as crianças a filtrar, diluir, confrontar, interpretar e atribuir significado aos conteúdos dos media [mediatizados]. Envolve também as estratégias (directas e indirectas) de restrição e controlo das experiências televisivas das crianças.

Consideramos que é através do confronto das suas [das crianças] percepções e interpretações das mensagens recebidas, que pode emergir uma «competência» activa, crítica e criativa (e criadora) face à televisão. É pois um processo estruturante da experiência televisiva da criança.

Formas de mediação em relação à televisão

Foram identificadas na literatura (Weaver e Barbour, 1992) três dimensões distintas da mediação da televisão exercida na família:

- a) Mediação Restritiva³: ocorre quando os pais controlam (limitando) a actividade televisiva das crianças em termos de tempo, de conteúdos e de tipos de programas que elas podem ou não podem ver. Envolve a implementação e a execução de regras em relação à actividade televisiva da criança.
- b) Mediação Avaliativa: este tipo de mediação ocorre quando os pais e as crianças vêem televisão com um objectivo, discutem e interpretam os programas com as crianças. Este tipo de mediação proporciona às crianças uma compreensão crítica da televisão.
- c) Mediação Não-Focalizada: é o mesmo que mediação indirecta. Inclui as opiniões e posições dos pais acerca da TV em geral, e comentários genéricos a programas específicos, durante e após o visionamento. Compreende os hábitos e as atitudes dos pais em relação à TV. É a mediação pelo exemplo, pela observação. Exige pouco ou nenhum envolvimento por parte dos pais. Consequentemente, é casual, não deliberada. Vários investigadores sustentam que a grande parte das situações de visionamento em conjunto envolve este tipo de mediação (cf. Dorr *et al.*, 1989).

A análise destas formas de mediação sugere-nos que a restritiva e a avaliativa são **formas directas de mediação** pois exigem uma intervenção deliberada por parte dos pais (ou de quem exerce a mediação). A não-focalizada, pelo que foi referido, é **uma forma de mediação indirecta**. Mas, mediação directa não significa necessariamente **mediação activa**. Esta exige intenção, exige uma estratégia para discutir, explicar, interpretar, confrontar os conteúdos dos programas televisivos; implica envolvimento, participação, e quase sempre o visionamento em conjunto. Ver televisão com as crianças origina mais oportunidades de discussão e de confronto de percepções. Será por vezes a oportunidade de esclarecer o que está a acontecer, outras vezes envolverá outro tipo de comentários e de questões. As maiores vantagens surgem provavelmente das acções e interacções associadas, facilitadas ou motivadas pelo ver em conjunto.

³ Weaver e Barbour, baseando-se na interpretação dos estudos desenvolvidos referem que esta forma de mediação é a mais utilizada pelos pais para controlar a actividade televisiva das crianças, mas consideram que a mediação não-focalizada é a que ocorre com mais frequência.

Em relação às formas directa / indirecta de mediação em relação à televisão, ambas assumem elevada importância e influência nas experiências televisivas das crianças, tal como vários autores sustentam. Contudo, diversos autores defendem que a mediação activa, as interacções directas e intencionais, são as mais determinantes do processo de mediação, as mais consequentes na forma como as crianças interpretam, compreendem e se apropriam dos conteúdos televisivos e nas aprendizagens que podem realizar através da televisão. Quanto mais directa e deliberada for a mediação, mais efectiva será.

Gostaríamos ainda de sublinhar que estas formas de mediação não são, na nossa perspectiva, estanques. Numa família pode ocorrer um determinado tipo de mediação ou uma combinação dos três.

Assim sendo, podemos chegar a uma ideia central: a mediação feita pelos pais [ou outros adultos significativos] pode influenciar a experiência televisiva das crianças e as aprendizagens que fazem do que vêem. É importante que os pais em vez de assumirem peremptoriamente que a televisão tem um enorme impacto negativo nas crianças, procurem antes assumir alguma responsabilidade em precaver os efeitos negativos, e procurem actuar como mediadores nessa experiência, otimizando o contexto em que se realiza a recepção.

Partilhamos da opinião de St Peters *et al.* (1991:1422) quando afirmam que “*o contexto familiar é fundamental para a socialização do uso da televisão pelas crianças mais pequenas. As famílias determinam não só o tempo de consumo pelas crianças, mas os tipos de programas, e a qualidade da experiência televisiva*”.

A pesquisa desenvolvida

Tendo como base este conjunto de pressupostos, propusemo-nos desenvolver uma pesquisa sobre os processos de interacção e de mediação da família em relação à televisão, perspectivadas no contexto mais vasto das práticas sociais quotidianas (e não isoladas relativamente ao quotidiano). Mais especificamente, propusemo-nos conhecer os processos de mediação que os pais desenvolvem em relação às experiências televisivas de crianças na faixa etária dos 3-6 anos de idade. Face ao objecto e aos objectivos da pesquisa, foi necessário recolher informações, experiências, vivências e opiniões de pais de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade ou, na sua ausência, de outros ‘adultos significativos’ na vida dessas crianças.

Tendo em vista estes objectivos, entrevistámos um grupo de 50 famílias de diferentes meios sociais e geográficos do distrito de Braga, uma cidade do Norte de Portugal. Para analisar o volume de informações que recolhemos, optámos pela análise de conteúdo de natureza qualitativa tendo como base um conjunto de categorias temáticas que constam da figura a seguir indicada (esta comunicação detém-se apenas na discussão da 3ª categoria temática - 'Processos de mediação da televisão na família'. As conclusões apresentadas também só dizem respeito a esta categoria).

Partimos para esta pesquisa considerando a possibilidade de existência de usos diferenciados da TV e, conseqüentemente, de diferentes formas de mediação. Admitimos que estes aspectos são influenciados e determinados não só pelas possibilidades de acesso das famílias a determinados recursos materiais e simbólicos, mas igualmente por outros factores, a que chamamos, de recepção, tais como zona de residência, nível de instrução e ocupação dos pais, estilos de educação, padrões de comunicação, e a própria oferta televisiva.

FIGURA 1
CATEGORIAS TEMÁTICAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

1. ORGANIZAÇÃO DA VIDA QUOTIDIANA FAMILIAR

- Actividades quotidianas da família: tempo de trabalho / tempo livre
- Actividades preferidas das famílias / crianças
- Gestão do tempo
- Vivência de um tempo social: o serão

2. INTERACÇÃO DA FAMÍLIA COM A TELEVISÃO

- Número e localização dos receptores de TV no lar
- Tempos e modos de ver (quem vê com quem, em que momentos, quem escolhe o que se vê...)
- Os gostos e as preferências televisivas das famílias
- Os gostos e as preferências televisivas das crianças
- Importância que, segundo os pais, a televisão tem na vida das crianças
- Papel e importância da TV no quadro de vida familiar
- Usos sociais da televisão (baseando-nos na tipologia sugerida por James Lull, apresentada e discutida no capítulo III)
- Relação entre televisão e aprendizagem

3. PROCESSOS DE MEDIAÇÃO DA TELEVISÃO NA FAMÍLIA

3.1. Mediação Restritiva

Os pais implementam regras em relação ao consumo televisivo dos filhos.
Exemplos: *proibição de certos programas*
restrição do tempo de consumo televisivo

3.2. Mediação Avaliativa

Os pais e as crianças vêem televisão em conjunto e dialogam sobre os programas (o 'ver televisão' é intencional, tem um propósito/objectivo).
Exemplos: *discussão e interpretação de determinados programas*
explicação do conteúdo dos programas

3.3. Mediação não focalizada

Os pais fazem espontaneamente comentários / afirmações / perguntas durante ou após o programa.

4. FACTORES QUE INFLUENCIAM A MEDIAÇÃO

- Estrutura familiar
- 'Características' das crianças
- Uso social do espaço
- Gestão do tempo
- Acessibilidade televisiva

5. TIPOS DE FAMÍLIA

Através do cruzamento das variáveis "encorajamento" e "restrição", determinadas no ponto 4, pretende-se identificar o tipo de família, seguindo a seguinte classificação:

- Família Permissiva ("laissez-faire"): nem encoraja nem restringe
- Família Restritiva: restringe mas não encoraja
- Família Consensual: encoraja mas não restringe
- Família Selectiva: tanto restringe como encoraja.

Algumas conclusões

A análise dos dados da investigação empírica referentes aos processos de mediação da televisão na família, permitiu pôr em evidência diversos aspectos, designadamente:

- as práticas televisivas são bastante diversificadas e encontram-se entrelaçadas com as práticas quotidianas; pode dizer-se que a relação família - televisão é social e culturalmente mediada pelo quadro social da vida quotidiana;
- as crianças vêem frequentemente a programação que lhes é especialmente destinada (quase sempre sozinhas ou na companhia dos irmãos), mas vêem também assiduamente a programação familiar ou dirigida a audiências adultas, e na maioria das vezes na companhia dos pais;
- de uma forma geral, os pais não conhecem nem vêem com os filhos a programação destinada especificamente à infância; conseqüentemente, são poucas as situações de mediação desenvolvidas pelos pais em relação aos programas infantis que os seus filhos vêem. As crianças habitualmente vêem esses programas sozinhas ou na companhia de irmãos; só pontualmente é que o fazem na companhia dos pais, apesar de solicitarem frequentemente a sua presença nesses momentos. Importa salvaguardar os (poucos) casos em que os pais se envolvem activamente na experiência televisiva dos seus filhos, procurando acompanhar, conversar e comentar com as crianças o que elas vêem na televisão;
- as crianças vêem diariamente a programação familiar ou destinada a audiências adultas na companhia dos pais. É sobretudo em relação a este tipo de programação que os pais exercem algum tipo de mediação. Quando o visionamento televisivo é realizado em conjunto (entre pais e filhos), e quando os programas são da preferência de ambos, há uma maior probabilidade de diálogo, de troca de impressões, de comentários, de esclarecimentos, etc.;
- os pais identificaram o programa ‘Rua Sésamo’ como o exemplo do que as crianças aprendem com a televisão e como o programa que mais frequentemente incentivam os filhos a ver;
- das três formas de mediação contempladas na análise-restritiva, avaliativa e não focalizada-a primeira é a que ocorre com mais frequência no seio das famílias estudadas, seguindo-se a não focalizada ou indirecta. Estes dados revelam-nos que os pais adoptam sobretudo atitudes e práticas de restrição, regulação e proibição em relação à televisão. É mais frequente a restrição de determinados programas televisivos, devido aos seus conteúdos (sobretudo de violência e sexo), do que a restrição do tempo de consumo. Encontramos também pais que exercem formas avaliativas de mediação, ou seja, pais que dizem preocupar-se em explicar às crianças os conteúdos televisivos, em ajudá-las a interpretá-los, a filtrar e digerir certos tipos de programas mais problemáticos. Mas, esta forma de mediação é, comparativamente, menos frequente, e nem todos os pais estão conscientes ou têm conhecimento da importância que pode ter ao nível das experiências televisivas das crianças;
- a mediação não-focalizada ou indirecta é particularmente frequente durante o tempo de consumo, mas extravasa mesmo esse tempo. Esta forma de mediação exige menos implicação, menos envolvimento e menos intencionalidade por parte dos pais;

- a mediação avaliativa, que implica um envolvimento mais activo por parte dos pais, é a que ocorre com menos frequência. No entanto, há pais que conversam e comentam com os seus filhos os programas televisivos, que se envolvem na experiência televisiva das crianças ou que expressam essa preocupação. Estes pais são da opinião que os seus filhos aprendem mais com e através da televisão quando vêm acompanhados e/ou quando têm oportunidade de comentarem o que viram. Assim, parece-nos legítimo concluir que é importante para a aprendizagem das crianças que elas vejam televisão acompanhadas pelos seus pais e conversem com eles sobre o que estão a ver, e que é igualmente importante (sobretudo quando a situação anterior não se proporciona), que haja uma interacção entre pais e filhos depois (e não só durante) o momento de visionamento.
- os hábitos e preferências televisivas das crianças são muito semelhantes aos dos seus pais, o que nos leva a corroborar a principal conclusão do estudo desenvolvido por St Peters *et al.* (1991) segundo a qual, “*as famílias determinam não só a quantidade de tempo que as crianças vêem, mas também os tipos de programas e a qualidade da experiência televisiva*”;
- a mediação que os pais desenvolvem em relação à televisão que as crianças vêem influencia, como era já suposição nossa e vários estudos o documentam, a experiência televisiva das crianças, os usos e as aprendizagens que elas fazem em relação ao que vêem;
- factores como a estrutura familiar, aspectos relacionados com as crianças, a organização do espaço, a gestão do tempo e a localização e acessibilidade dos receptores de televisão, influenciam e condicionam os processo de interacção e de mediação na família;
- as diferentes experiências que decorrem das posições sociais [distintas], leva a que as famílias atribuam significados, filtrem, interpretem e utilizem a experiência televisiva de diferentes modos.

Um outro aspecto que a análise dos dados permitiu evidenciar como sendo um factor que exerce uma influência considerável nos processos de mediação, diz respeito ao conceito de infância e de criança presente em cada família. Encontramos, essencialmente, três modelos de concepção da criança, os quais têm implicações nas formas de conceber e ‘praticar’ a mediação:

- **famílias que concebem as crianças como agentes activos dos processos sociais** em que estão envolvidas, ‘actoras’ do seu próprio desenvolvimento, dotadas de determinadas competências, sujeitos de direitos, ainda que com características específicas. As famílias que têm subjacente este modelo de criança, tendem a adoptar formas avaliativas de mediação, procuram sempre dar uma resposta satisfatória às solicitações das crianças, e não uma resposta para as calar, como acontece num número significativo de famílias. São os próprios pais que por vezes desafiam as crianças a questionar o que estão a ver, fazem-lhes perguntas, pedem-lhes a sua própria opinião sobre determinados programas, acreditam que as crianças, dentro do seu nível de desenvolvimento e maturidade cognitiva, têm a capacidade de ser selectivas e críticas em relação ao que vêem, sobretudo se puderem contar com a mediação dos pais . Oferecem-lhes também, com alguma regularidade, alternativas à televisão, sugerindo-lhes a realização de outras actividades.

- **famílias que têm uma concepção da infância como deficitária**, isto é, que concebem as crianças não por aquilo que elas já são capazes de pensar, entender, e fazer, mas por aquilo que serão capazes no futuro, desprovidas de capacidades e de competências específicas. Esta forma dos pais conceberem a infância e as crianças leva-os a adiar frequentemente explicações, a evitar comentários, a deixar as respostas às perguntas das crianças para “quando fores mais crescido” ou para “quando fores mais velho”. Estas famílias, em que predominam formas restritivas de mediação, procuram também evitar que as crianças vejam determinados programas, principalmente os que envolvem conteúdos de natureza violenta e erótica, pelo facto de os considerarem prejudiciais para o desenvolvimento harmonioso das crianças, e por recearem que elas possam fazer perguntas às quais não terão forma de responder devido à falta de capacidade de entendimento por parte das crianças, à sua inexperiência e credulidade.
- **famílias que concebem as crianças como seres indefesos, fortemente influenciáveis e vulneráveis**, e que, por essa razão, têm como única e quase exclusiva preocupação, proteger as crianças dos conteúdos veiculados por determinados programas televisivos, por serem susceptíveis de influir negativamente no seu processo de desenvolvimento e na formação da sua personalidade. A ideia que prevalece nestas famílias é que as crianças precisam de ser protegidas dos efeitos negativos que a televisão nelas possa exercer, adoptando também formas restritivas de mediação, mas que se orientam quase sempre no sentido da proibição.

Comentário final

Consideramos que é indispensável que os meios de comunicação social, e neste caso concreto a televisão, sigam as normas éticas, deontológicas e jurídicas para que as suas funções sociais sejam realizadas de forma positiva. Todavia, atendendo ao ambiente de liberdade e de competição existentes ao nível dos meios de comunicação social, e a que a lógica dominante, nomeadamente na televisão, é a captação de audiências, consideramos que a mediação dos conteúdos dos medias, através do acompanhamento e do diálogo, por parte de adultos significativos para as crianças, pode ter um carácter decisivo na forma como elas se apropriam e usam a televisão.

Na nossa pesquisa a relação das crianças com a televisão, os seus hábitos, preferências, modos de ver, etc. foram referidos, analisados e classificados por adultos, de acordo com os seus critérios. Seria contudo interessante ouvir as crianças, procurando descobrir como é que elas próprias entendem a televisão. Se queremos saber que sentido faz a televisão para elas, que prazeres, satisfações, opiniões, e emoções lhes provoca, seria importante estudá-la do ponto de vista das próprias crianças, ouvir o que elas têm a dizer, dar-lhes voz. Este é um desafio que temos em mãos.

BILIOGRAFIA

- BREDERODE SANTOS, Maria Emília, (1991), *Aprender com a Televisão: O Segredo do Rua Sésamo*, Lisboa: TV Guia Editora
- BRYCE, Jennifer W.; LEICHTER, Hope J. (1983), ‘The Family and Television: Forms of Mediation’, in *Journal of Family Issues*, vol.4 (2), pp.309-328

- BUCKINGHAM, David (1993), *Children Talking Television*, London: The Falmer Press
- BUCKINGHAM, David (1994), 'Television and the Definition of Childhood' in MAYALL, Berry (Ed.), *Children's Childhoods Observed and Experienced*, London: The Falmer Press
- CHALVON, Mireille; Corset, Pierre; SOUCHON, Michel (1990), *L'Enfant Devant la Télévision des Années 90*, Paris: Casterman
- CHEVALIER, Eric; BANNEY, M.; MANSOUR, S. *et al.* (1991), *La Relation Enfant-Television: Implications Physiques, Psychologiques, Educatives et Sociales*, Paris: Centre International de L'Enfance
- DESMOND, Roger J.; SINGER, J.; SINGER, D.; CALAM, R.; COLIMORE, K. (1985), 'Family Mediation Patterns and Television Viewing - Young Children's Use and Grasp of the Medium', in *Human Communication Research*, vol.11, nº4, pp.461-480
- DORR, Aimée (1986) *Television and Children: a Special Medium for a Special Audience*, London: Sage
- GUNTER, Barrie; SVENNEVIG, Michael (1987), *Behind and in Front of the Screen, Television's Involvement with Family Life*, London: John Libbey
- LAZAR, J. (s/d), *Escola, Comunicação, Televisão*, Lisboa: Rés Editora
- LINDLOF, Thomas; TRAUDT, Paul J., (1983), 'Mediated Communication in Families: New Theoretical Approaches', in MANDER, Mary S. (ed.), *Communications in Transition - Issues and Debates in Current Research*, New York: Praeger Publishers
- LULL, James (1990b), *Inside Family Viewing-Ethnografic Research on Television's Audience*, London: Routledge
- LULL, James (ed.) (1988), *World Families Watch Television*, Sage: Newbury Park
- MARIET, François (1989), *Laissez-les Regarder la Télé*, Paris: Calmann Lévy
- MORLEY, David (1986), *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*, London: Comedia
- PINTO, Manuel (1995), *A Televisão no Quotidiano das Crianças*, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho
- ROGOFF, Barbara, (1993), *Aprendices del Pensamiento*, Barcelona: Paidós (edição inglesa de 1990)

- SCHRAMM, W.; LYLE, J.; PARKER, E. (1965), *Television para los niños*, Barcelona: Editorial Hispano-Europea (edição original americana de 1961)
- SILVERSTONE; Roger (1994), *Television and Everyday Life*, London: Routledge
- ST. PETERS, Michelle; FITCH; Marguerite, HUSTON, Aletha C.; Wright, Jonh C.; EAKINS, Darwin J. (1991), 'Television and Families: What do Young Children Watch with their Parents?', in *Child Development*, nº 62, pp. 1409-1423
- WEAVER, Barry; BARBOUR, Nancy (1992), 'Mediation of Children's televiewing', in *Familes in Socitey; The Journal of Contemporary Human Services*, vol. 73

AMEI

<http://www.waece.com>
info@waece.com

Resumen de la comunicación

"El niño en edad pré-escolar y la televisión: una mirada a partir de la mediación de la familia"

Con esta comunicación pretendo presentar las conclusiones de una investigación desarrollada en el Instituto de Estudios del Niño de la Universidad del Miño (Portugal) sobre los procesos de mediación de la televisión en familias con niños en edad pré-escolar.

Subyacente a este estudio está la idea de que la mediación que los padres hacen de los contenidos televisivos juega un papel crucial tanto en la forma como los niños los interpretan, entienden e de ellos se apropian como en los aprendizajes que pueden realizar gracias a la televisión.

Este estudio envolvió cincuenta (50) familias de diferentes medios sociales y geográficos del distrito de Braga (una ciudad al Norte de Portugal) y ciento seis (106) niños y niñas entre los tres (3) y los seis (6) años de edad.

En la recogida de datos se usaran entrevistas en profundidad.

Al final se reitera la idea de que es gracias a la confrontación de las percepciones y interpretaciones de los mensajes recibidos que puede emerger una competencia activa, crítica y creativa ante la televisión. La mediación se afigura, pues, como un proceso estructurante de la experiencia televisiva del niño.

AMEI

<http://www.waece.com>
info@waece.com